

MÁRIO DE SÁ-CARNEIRO, 100 ANOS DEPOIS

Ida Alves / Rafael Santana

1914 e 2014, dois números que evidenciam inicialmente 100 anos de distância. E nossa memória coletiva poderia de pronto lembrar um evento que marcou fortemente a história do mundo ocidental, que foi a Primeira Guerra Mundial. E é desse marco histórico que de fato pretendemos partir não como condenação do holocausto, não como rememoração de suas vítimas, não como celebração aos sobreviventes que recontaram a história a partir de outros vieses, mas sim como comemoração de uma sobrevida que se inscreve como memória ética e sobretudo como resposta estética a um tempo marcado pelo caos. Octavio Paz – *O Arco e a Lira* –, debruçando-se sobre as relações entre a literatura e o mundo, já sinalizara que “o poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história” (2013, p.37).

Enxerga-se aí, nesse instigante epigrama do poeta e ensaísta mexicano, a *imago mundi* que norteia todo o pensamento finissecular e modernista: um universo em ruínas seria capaz de produzir as mais belas artes, frutos de temperamentos extremamente sensíveis, cuja consciência do infortúnio histórico aponta, na contramão da decadência social, para um refinadíssimo exercício artístico. Esfíngico por excelência, o modernismo português, herdeiro de algumas propostas da arte *fin-de-siècle*, buscou conferir às palavras um sentido outro que não mais o da metáfora comum, atingindo não raro um quase ocultismo intencional da matéria discursiva. Em outros termos, o texto modernista busca centrar-se em si mesmo, proclamando, num período de crise da história, a grandeza e a beleza excessivas da arte.

Este autocentramento da arte moderna não implica contudo um afastamento ou uma recusa do social, mas antes um repensá-lo a partir de outros parâmetros. Como assinala Octavio Paz, “[...] quase todas as épocas de decência social são férteis em grandes poetas” pois – conclui ele – “todo período de crise se inicia ou coincide com uma crítica da linguagem” (2013, p.42). Ora, foi justamente essa crítica da linguagem que, no conturbado contexto de 1913/1914, possibilitou a Mário de Sá-Carneiro urdir a escritura de *A Confissão de Lúcio*, narrativa assaz insólita, que rompe com os padrões mais consensuais da prosa portuguesa oitocentista, por erigir-se a partir da palavra de um narrador que aposta na perpetuação das incógnitas, configurando-se, deste modo, como um *discurso intencional do mistério*. Problematicando as categorias de tempo, espaço, enredo, personagem e narrador, *A Confissão de Lúcio* é na literatura portuguesa do século XX uma narrativa em profunda sintonia com as principais tendências artístico-literárias da prosa novecentista europeia.

Dispersão, conjunto de 12 poemas ainda publicados em vida por Sá-Carneiro, inicia-se e encerra-se com os poemas motivadamente intitulados *Partida* e *A Queda*,

convidando-nos a uma reflexão sobre a herança finissecular na constituição do projeto do primeiro modernismo português. Mário de Sá-Carneiro, que inicialmente dizia não se considerar um poeta mas apenas um prosador – viu-se cada vez mais seduzido pela poesia e por suas relações com o mundo, chegando até mesmo a teorizar sobre elas. 1914 é também o ano em que o artista termina de escrever o conto *Asas* – posteriormente publicado em *Céu em Fogo* (1915) –, nele desenvolvendo uma teoria da poesia moderna por meio de um texto ficcional. Neste conto cujo título sugere algo de tão leve e de tão etéreo como o vento, um narrador em primeira pessoa isenta-se de narrar a sua história em prol da história de um outro, apresentando-nos a personagem de Petrus Ivanovich Zagoriansky, poeta russo que almeja lograr a construção de versos perfeitos, *sobre os quais a gravidade não tenha ação*. Trata-se de um texto que promove toda uma reflexão sobre a arte, em especial a literatura, e, para o caso, a arte e a literatura modernas, inscritas nas correntes cosmopolitas e contemporâneas de Sá-Carneiro. Datado de outubro de 1914, mas tendo sido publicado em pequenos fragmentos desde janeiro de 1913, o conto *Asas* é certamente um ensaio em prosa, é o desenvolvimento da teoria poética que daria origem aos poemas mais significativos de Sá-Carneiro, que integram os conjuntos *Dispersão*, *Indícios de Ouro* e *Últimos Poemas*.

Respondendo a uma modernidade pós-baudelairiana que, nas palavras de Marcos Siscar – *Da Soberba da Poesia* –, se inscreve indelevelmente num movimento oscilatório de *ascensão* e *queda*, a poesia de Sá-Carneiro talvez seja, em Portugal, um dos exemplos mais acabadamente elucidativos da apropriação dos postulados da arte finissecular e de suas transformações por parte dos artistas modernistas. Celebrar os 100 anos de *A Confissão de Lúcio* e de *Dispersão* significa também repensar os primórdios do modernismo português.